

190  
Onde outrora os índios Nambikwara viviam em paz, em algum lugar de Rondônia, vive-se hoje

# A história de um depósito de 15 toneladas de ouro que pode explodir a qualquer hora

Rosa Maria Miguel FONTES (Fotos de Márcio VALIM)



Os índios Nambikwara e o seu dia-a-dia

**Parece um estigma: se branco falou em terra de índio é porque está encafifado com alguma riqueza pertencente a ela. E o que é mais intrigante é que ele fala como se tivesse o direito ou a autoridade de se apossar desta riqueza, da terra, do povo. No solo, subsolo, nos rios, na mata, na aldeia ou mesmo na alegria de viver e ser índio — onde quer que esteja o tesouro indígena, lá estará um, dois três, dezenas de brancos a ambicioná-lo como se fosse o último do planeta.**

Em Rondônia e no oeste do Mato Grosso, vivem aproximadamente 8 mil índios. São 25 povos linguística e culturalmente diferenciados: doze pertencem ao tronco Tupi, dois ao Aruak, outros dois ao Macro-Jê e os demais a troncos isolados. Pequenos grupos arredios, sequer identificados, também ocupam esta região amazônica, onde a disputa pela terra tem acirrado os conflitos a cada dia. Os povos já conhecidos desta região, que é denominada genericamente de Guaporé, são: Karitiana, Arara, Itogapak (Kawahib), Gavião, Masaká, Suruí (Paiter), Salamaí, Cinta-Larga, Makurap, Tupari, Wayoró, Salumá, Paresi, Rikbaktsa, Umutina, Pakaanova, Urupá, Karipuna, Uru-eu-wau-wau, Tubarão, Nambikwara, Kanóé, Irantxe, Mynky e Zoró.

Desde os primeiros contatos, a relação do branco com os povos indígenas de Rondônia e Oeste do Mato Grosso tem sido violenta. Com a abertura da rodovia BR-364, em 1961, que cortou ao meio o território Nambikwara, chegou o avanço econômico desenfreado na região. Ligando Cuiabá a Porto Velho e cortando o estado de Rondônia de Norte a Sul, com uma extensão de 750 quilômetros, a rodovia integrou a região ao Centro-Sul do País.

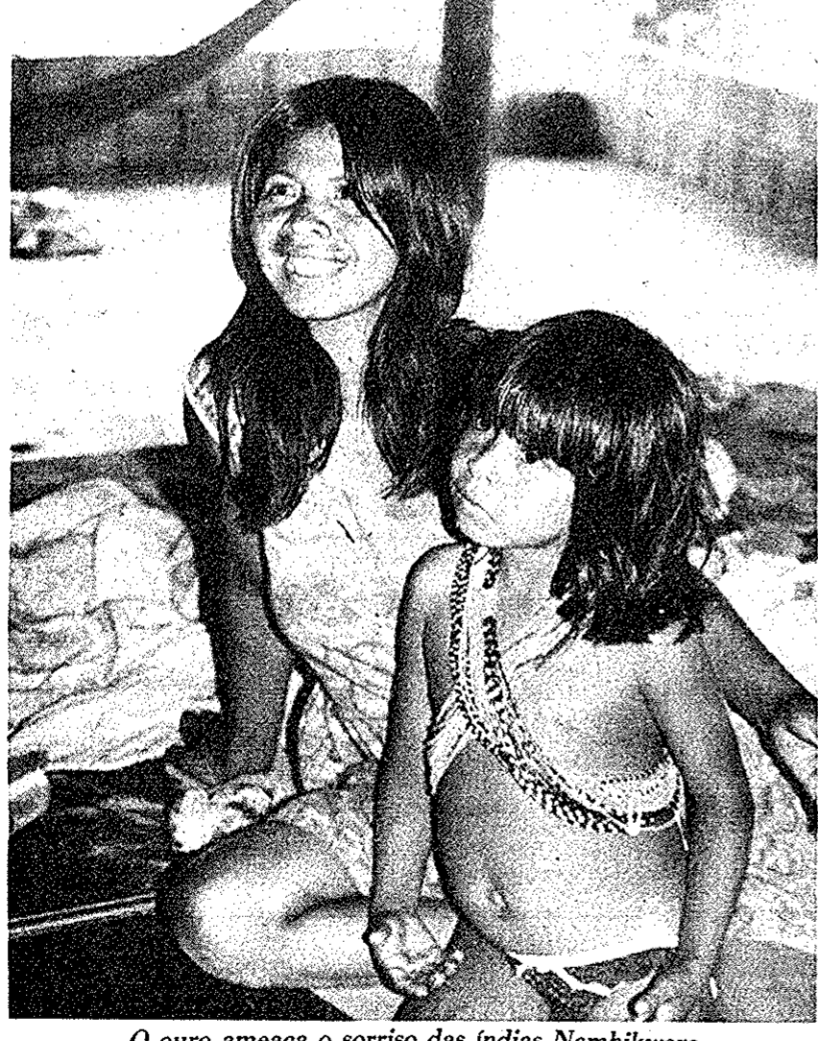
Com a estrada vieram as mudanças. A mineração, anteriormente feita por garimpeiros, passou a ser explorada por grandes companhias. As reservas de cassiterita regionais tornaram-se alvos das empresas do Sul, acelerando a invasão. A rodovia atraiu grande quantidade de aventureiros, comerciantes e agricultores, em busca de riqueza e terra fácil. Pequenos núcleos habitacionais surgiram rapidamente. Vilhena é um exemplo típico, mas outros vêm emergindo, como: Cocail, Espigão d'Oeste, Pimentá Bueno, Comodoro, entre outros.

De acordo com informações do Foratim, um dos órgãos de divulgação do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — o Inera, ao distribuir lotes ao longo das linhas oficiais de colonização, facilitou a interiorização de agricultores nas matas. Os projetos oficiais não previam migração tão desordenada e, a partir dos meados dos anos 70, milhares de colonos excedentes acabaram criando os "projetos novos", sem a orientação do Inera e em áreas indígenas. No governo Figueiredo, foram assinados contratos entre o Brasil e o Banco Mundial, em 1981, com o compromisso de demarcação de reservas indígenas e ecológicas no Vale do Guaporé. Até agora, no entanto, só foi criado o Parque Aripuanã, destinado aos índios Suruí, Cinta-Larga e Zoró.

**Sem governo**  
A expansão que se processa no norte do País tem nomes. Nomes de tribos indígenas e de pioneiros. Assim como é o caso de Nambikwara e de Nilson Paulo Piovezan, o conhecido "Seu Neném" de Comodoro. Pioneiro, ele foi o primeiro a chegar na região que hoje constitui a cidade e, juntamente com a família, em 1983, construiu Comodoro.

Preocupando com a expansão no Estado de Mato Grosso e Rondônia, ele desabafou: "Não temos governo". Não existe apoio dos políticos e nem dos órgãos oficiais e "Seu Neném" ainda apela ao In-

**No Norte do Mato Grosso e em Rondônia, no Vale do Guaporé, os índios Nambikwara estão vivendo mais uma de suas sagas diante da ambição do dito civilizado. Empresários de várias partes do País, aventureiros e todo o poder da cidade de Comodoro não pensam em outra coisa e apostam na indicação de um ex-seguidor do marechal Cândido Mariano Rondon: existem 15 toneladas de ouro guardadas entre os índios Nambikwara...**



O ouro ameaça o sorriso das índias Nambikwara

era para conhecer as dimensões exatas da terra. A área do município é de 42 mil km<sup>2</sup>, onde 40% são dos Nambikwara, o que significa um grande "nó" no pretendido desenvolvimento do município e aos planos de seu fundador.

Mostrando o desinteresse do governo pelas questões que envolvem o processo de interiorização do país, "seu" Neném conta que a energia elétrica gerada em Comodoro vem de uma usina hidrelétrica de 1000 kVA de força construída por ele, que hoje está tentando vendê-la à CEMAT, que não mostra nenhum interesse em encampá-la. A mesma situação é vivida em relação à água necessária à sobrevivência em Comodoro, que também é tratada a partir de projetos dos fundadores. Quanto ao telefone, a Telemat só colocou os aparelhos e o mesmo vem acontecendo em relação às escolas, pistas de avião, igreja e tudo o mais que existe no município, ou seja, constrói-se uma cidade com recursos próprios.

Mas o descaço do governo não significa o maior empecilho ao desenvolvimento que "seu" Neném vislumbra para Comodoro. Empecilho, segundo ele, são os 40% da área que são terra de Nambikwara.

— "Alguma coisa tem que ser feita.

Precisamos pensar em trocar alguma coisa com os índios. Já conversei com alguns deles e com o chefe do posto. Da Funai para Comodoro alguma coisa tem que acontecer", frisou ele.

Os índios Nambikwara têm 1 milhão 250 mil hectares de terra e, segundo "seu" Neném, 200 mil deveriam ser dedicados à soja. E isso ele tentou explicar ao índio com diplomacia e presentes. Inicialmente, ele sugeriu arrendamento da terra à cidade, que poderia, assim, gerar empregos para 2 mil pessoas. Em 100 mil hectares de terra, "seu" Neném calcula uma produção de 4 milhões de sacas de soja, o que dobraria, de imediato, a produção da cidade.

Mas o plano do fundador de Comodoro não ambiciona apenas o solo nambikwara; o subsolo também está nos planos do empresário, que se interessa por ouro, diamante e cassiterita. E nesse entendimento pretendido para exploração das terras indígenas a madeira seria facilmente incluída num próximo projeto, que, com certeza, renderia muito aos brancos da região.

**Imigração ou invasão?**  
Teoricamente, a ocupação do oeste de Mato Grosso e de Rondônia se deu

mais intensamente a partir do Planoroeste, um programa de mais de um bilhão de dólares com financiamento parcial do Banco Mundial, que teve como eixo a pavimentação da rodovia Cuiabá-Porto Velho, BR-364, em torno da qual vêm girando projetos de colonização, de desenvolvimento rural, de assistência à saúde, de defesa do meio ambiente e das comunidades indígenas. Imaginado como um meio de desalgar a tensão social e o desemprego no País, o projeto foi permitindo a instalação de inúmeras famílias na região de uma forma caótica e predatória.

De acordo com dados do CEDL-Centro Ecuemênico de Documentação e Informação, em 1984 entraram em Rondônia mais de 150 mil pessoas e o Inera só pôde assentar, no máximo, 5 mil famílias. A partir de 1985, a migração só fez aumentar o número de aventureiros. Sem possibilidade de sobrevivência, eles ficam expostos aos crescentes índices de malária, adquirida principalmente nos garimpos.

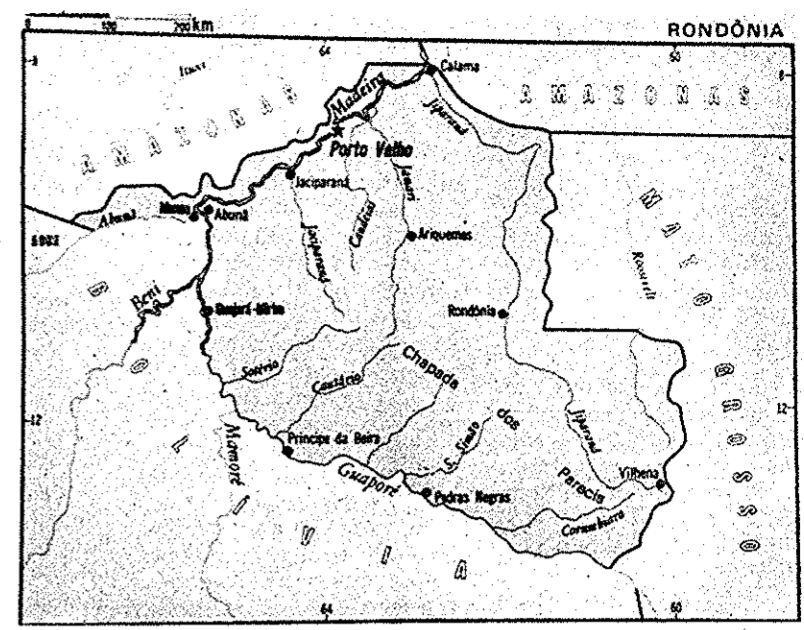
Há localidades de Rondônia em que os indivíduos chegam a ser molestados e, antes mesmo de curar uma, já adquiriram "outra malária".

Nesta porção de um imenso Brasil, o que se assiste é ao velho filme de colonização sob a direção de um capitalismo desenfreado: por um lado, o fluxo de imigrantes estimulado pela própria propaganda governamental, que sai em busca de uma opção de vida, de um pedaço de terra, e de outro, a experiente ocupação empresarial aventureira. Companhias madeireiras, mineradoras, serrarias, projetos agropecuários vão depredando a mata com uma velocidade tão grande que o prognóstico oficial é de que daqui a dez anos, no mesmo ritmo, não haverá mais floresta.

Isso na visão míope do civilizado pode ser chamado de imigração, mas aos olhos e sentimento do índio, morador imemorial destas terras, isso é invasão e burrice. Zebedeu, índio Pataxó de Barra Velha, já dizia que seu povo havia conhecido um tal de Pedro Álvares Cabral, que veio chegando nas terras da Bahia e querendo tudo que era de índio". Parece que foi a 22 de abril de 1500 que foi lançada a moda: invadir propriedade indígena e se achar no direito de esbulhá-la, apossando-se não só da riqueza de uma população, mas do próprio direito de vida de um povo.

Nesse 488 anos de contato com a ação predatória do dito civilizado, o índio vem resistindo bravamente. Até Cabral, eles eram 6 milhões de índios; hoje, são 280 mil. Muitas tribos foram totalmente dizimadas, mas centenas de outras vêm-se safando desta moléstia que domina o branco: a ambição desenfreada, a presunção de ter sempre uma proposta de aproveitamento da terra indígena e a inescrupulosa ganância de apossar-se do que não lhe pertence, sob a alegação oculta de interesses que, sabe-se, são pouco legítimos.

— "Branco não tem sabedoria, tem informação. Fica repetindo o que ouve falar, mas não sabe das coisas que fala", comentou um índio Nambikwara.



não sabe tratar a natureza, não é capaz de entender que este é um país pluriétnico e que raiz cultural é a alma de uma nação. Por essas e por outras, a questão da colonização se dá de uma forma tão perniciosa, não só para o índio, como para o país inteiro.

É claro que, nestas frentes desbravadoras, o índio é o que mais sofre. Mas ele está resistindo. O caos é repetitivo: começou no Rio, Bahia, São Paulo; depois veio o café de Minas e o minério; a cana-de-açúcar no Nordeste e assim se escreve a história: por onde passa o branco, passa a destruição. Em todos estes Estados, os índios continuam vivendo — mais reduzidos e algumas tribos extintas; algumas vezes sendo desarticuladas de sua estrutura primitiva pela pressão do dito mais forte, mas os índios estão aí, e enquanto eles viverem há esperança de alguém ensinar o branco a viver com civilidade em relação à natureza-mãe e em relação a si mesmo.

## Os Nambikwara

Atualmente, os Nambikwara estão concentrados no Vale do Guaporé, Campos do Vale do Guaporé e norte do Vale. Constituem uma tribo formada por vários subgrupos, sendo que suas aldeias não têm mais que 50 índios. Sua população, estimada no início do século em 20 mil indivíduos, foi extremamente reduzida devido às doenças e às invasões. Em 1968, foi criada a Reserva Indígena Nambikwara, englobando as piores terras tradicionalmente ocupadas, o que eles resistiram ao permanecerem no Vale. Totalmente ocupadas por agropecuárias, detentoras de certidões negativas fornecidas pela Funai, além das constantes invasões, as cinco reservas Nambikwara estão ameaçadas desde o asfaltamento da BR-364.

Os Nambikwara são conhecidos como "povo cinza", uma vez que se recusam ao uso da rede. Dormem no chão e, para se proteger do frio, espalham cinzas da fogueira e deitam sobre elas. Acordam numa aldeia Nambikwara é um privilégio; dividir um espaço de vida com eles, é algo que toca o espírito e, com certeza, provoca mudanças salutares. Ter a oportunidade de conviver com os "Nambikwara" é um aprendizado, uma troca de ensinamentos, uma liberdade e um momento de amor. A linguagem do índio "rola solta" e não há preconceito ao falar de sentimentos e experimentá-los.

Nambikwara ou outro povo indígena sabe que amor é amor, alegria é alegria, liberdade é liberdade, entrega é entrega. Sem rodeios e sem medos, eles vivem intensamente. As relações entre eles e entre os sexos é satisfatória. As crianças não conhecem a repressão e não é proibido se dedicar aos sentimentos. Essa autenticidade faz a vida na aldeia ser um aprimoramento para o branco que chega encurralado pelos fantasmas e proibições que a vida na cidade lhe ensina.

Nessa atmosfera de alegria e liberdade se sucumbem os funcionários da Funai. Se chegam indiferentes, tornam-se apaixonados pelos "Nambikwara"; se já chegam respeitando-os, a inter-relação se estabelece para uma vida em comum em defesa dos mais legítimos interesses do povo. E aí, pode-se dizer que existe uma Funai em Brasília e uma outra nos postos indígenas. A de Brasília defende qualquer coisa, menos o que interessa ao indígena.

A dos postos nas áreas, vai à luta, à selva, aos riscos, à falta de verbas, ao desamparo do governo, aos precários salários e, muitas vezes, chega junto com o índio. Os Nambikwara estão tendo a oportunidade de conviver com gente que está inteirada de sua defesa em relação a toda esta conjuntura hostil e ameaçadora, provocada pela migração dos sulistas em relação à Rondônia.

## Comodoro ameaça

15 mil quilos de ouro ameaça a estrutura de qualquer indivíduo, é fácil de compreender. Isso, nos cálculos do "Seu Neném", o maior interessado, significam 1 milhão e 500 milhões de cruzados por tonelada, a preço do ouro nos dias de hoje. O fundador da cidade de Comodoro, depois de confirmar a existência do tesouro, só pensa em negociar a riqueza com os índios: 50% fica com Nambikwara e 50% fica com "Seu Neném".

Essa história, contada assim, parece meio inacreditável; em Comodoro, porém, ela parece perfeitamente possível. São 5 aviões pesquisando a área e "Seu Neném" pesquisando um jeito de convencer o índio que, às vezes acredita nesta história e, às vezes, não acredita. Índio tem lá seus mistérios...

O certo é que um tal de Benedito, 80 anos, ex-integrante dos seguidores de Rondon, conta que a linha de frente chegou na área dos Nambikwara e o marechal enfrentou conflitos por causa de um garimpo na região. Rondon não teve dúvidas e decidiu pelo desvio da linha e fez guardado do material do garimpo.

"Essa história de que Rondon pregava morrer se preciso for, mas nunca matar, eu acho que não deve ser verdadeira. Índio não conhece nada. Para tirar esse povo do garimpo, ele deve ter matado sim", opinou "Seu Neném".

O empresário conta que pesquisou diversos lugares e conseguiu chegar até o ponto da mata indicado pelo velho Benedito. Lá, encontrou um garimpo velho, onde já cresceu árvores de 70 anos de idade, o que quer dizer que marechal Rondon realmente esteve lá nas condições descritas. Existem outros índios de que a história é verdadeira e o interesse na caça ao tesouro reveste-se de uma postura quase profissional.

"Seu Neném" é um desbravador. Sua atuação é arrojada e ele procura resolver as questões com diálogo e democracia. Ele tem convivido com os índios na expectativa de uma negociação. A questão,



Nilson Paulo Piovezan, o "seu Neném"

no entanto, é cultural. Os valores do índio e suas necessidades, são diferentes do empresário e se pensamos na preservação dos povos indígenas temos que ficar atentos a esse tipo de problema que ameaça e pode provocar desequilíbrios entre os Nambikwara.

Por outro lado, na relação branco-branco, quem vai à Comodoro sente a importância da presença de "Seu Neném" na vida desamparada de todos aqueles que chegam à região. Comodoro tem apenas 4 anos de idade e já registra um total de 20 mil habitantes. Em 1983, a cidade surgiu a partir de duas bombas de gasolina e do consequente asfalto.

As escolas funcionam até o 11º grau e têm 600 alunos matriculados. São três hospitais, dois hotéis, a rádio "Fala Negão" no sistema alto-falante, uma Prefeitura, agências do Bradesco e Banco do Brasil e mais uma economia cuja base é a agricultura, pecuária, madeira e cafeicultura. Este ano, espera-se uma boa produção de soja e arroz para superar os 5 milhões de sacas de 60 kg anuais e o escoamento desta produção se dá com recursos próprios para Cuiabá. Na pecuária, registram-se 400 mil reses, uma frente onde grandes empresas de fora estão investindo: Zillo, Cofap e Estrela do Guaporé, entre as principais. A madeira é, praticamente, comercializada a partir da Piovezan Comércio de Madeira Ltda, que é de propriedade da família de "Seu Neném".

Segundo o empresário, o pioneirismo veio ao acaso. Ele conta: — "Meu pai foi pioneiro no Espírito Santo. Eu morei, inicialmente, em Rondônia, onde fiquei por cinco anos. Quando cheguei a Comodoro, só se via o cerrado, com algumas picadas no asfalto. A área foi comprada e fui montando a estrutura básica junto a um projeto de venda de lotes".

Batizado por causa do nome do carro, Comodoro tem planos de ser uma grande cidade e "Seu Neném" fala que, no ano 2.000, lá existirá uma metrópole. Essa, porém parece ser uma preocupação que é só de Comodoro. Nambikwara não tem necessidade de corresponder a essa expectativa de progresso de civilizado e por isso tem todo o direito de resistir às negociações e continuar lutando pela sua terra — é bom que se lembre disso.

## Vencendo "Valum"

Os Nambikwara contam que há muito tempo o espírito mau "Valum" acabou com o mundo, mas não conseguiu eliminá-los porque estavam dentro de uma pedra. Vários animais tentaram arrebentá-la, mas não conseguiram. Foi quando um bem-te-vi pegou uma lança de madeira e bateu com toda a força na pedra. Ela rachou ao meio e o pássaro tirou um casal novo; depois os mais velhos e mandou cada grupo Nambikwara morar em seus lugares.

Assim, eles venceram "Valum" na primeira vez.

Para os Nambikwara, são os espíritos que ensinam o que ou como fazer. Os índios comunicam-se com eles através do som da flauta mágica, tocada na casa das flautas que fica no pátio central da aldeia. As mulheres não podem vê-la, sob o perigo de serem castigadas. Quando morrem, vão para a casa de pedra, de onde vieram e passam a viver com os ancestrais. Nesta casa tem muitos alimentos, alegria e beleza. Entre os instrumentos mágico-religiosos estão as flores de penas de tuacano, as pulseiras de rabo de tatu, os dentes de animais e o brinco de madrepérola que tem um grande poder de cura. A flauta que utilizam nas cerimônias religiosas é o espírito de um menino cujo corpo se transformou em produtos agrícolas.

Apesar de possuir cultura material pobre, o universo místico e religioso dos Nambikwara é riquíssimo. São índios muito fundamentados na espiritualidade. Foi na década de 1920 que eles tiveram os primeiros contatos com o homem branco, durante a instalação da linha telefônica Cuiabá-Porto Velho, comandada pelo marechal Rondon. Foi ele quem deu-lhes o nome de Nambikwara, que quer dizer "orelha furada". Com certeza, aqui, os Nambikwara venceram "Valum" pela segunda vez.

A partir daí, muitos "Valum" tiveram que ser vencidos até a história dos dias de hoje. O desfecho atual fica um pouco difícil de ser imaginado, mas dá para se "segurar" na certeza que Deus nos ensinou: o mal nunca vai vencer o bem.